

entrevista com ronald duarte, santa tereza, setembro de 2015.

por sergio cohn.

RONALD, A FUMAÇA GERA LUZ?

Sim. A luz só se materializa na fumaça. No vazio, a luz não caminha. A luz só caminha no espaço cheio. Toda luz se propaga no momento em que ela tem matéria para se projetar. É isso que permite a nós enxergá-la. Não só aqui, mas em todo universo. Então a estrela só chega até aqui, até a nossa vista, porque existe a luz se propagando nesse espaço cheio. No vácuo, no vácuo, a luz não se propaga. É no meu trabalho a fumaça é a materialização do desenho da luz. Esse meu trabalho se chama "Olhos de lince". É uma forma de ver. E assim é, da luz da estrela que caminha até o planeta Terra e a gente consegue enxergar, até a caixa de luz dos "Olhos de lince", onde a luz caminha por doze espelhos, formando uma estrela.

UMA ESTRELA VERDE.

Sim. É como ela é verde, eu penso muito em árvore, nessa coisa da caixa, que é de madeira reutilizada, que já foi descartada, já foi jogada fora, já não teve mais valor nenhum. É a obra coloca uma vida, uma aura, uma alma nessa madeira, que ultrapassa os espaços da própria caixa. Porque existe um espelho no fundo que também cria essa reverberação espacial para dentro desse espaço subjetivo.

É A BOIADA?

A boiada é a condição humana da civilização. A boiada a gente não tem para onde escapar. Cada cabeça é um prêmio. Desde o momento que você se civiliza, se educa, se submete, você já faz parte da boiada. É o cidadão. É aquele que tem que andar em linha, aplaudindo e achando bem legal. É o *status quo*, aquilo que a gente criou para a gente.

É POR QUE DE OURO?

Por causa desse valor todo. O sistema, que nos oprime, ele tem uma mola, que você sabe muito bem qual é. Se essa mola quebrar, o que está acontecendo inclusive em várias partes do mundo, na China, na Grécia, o sistema quebra junto. Essa mola, que está em crise, é o dourado, é o ouro, é o valor. Eu questiono, na "Boiada de ouro", que valor é esse do sujeito que se submete. Que valor nós temos dentro dessa sociedade que nos educa, que nos diz qual é a melhor maneira de viver em comunidade. É uma conversa direta com a própria condição humana. A boiada é sempre uma conversa. Por isso ela teve vários trajetos, subiu muito, ela foi para a rua, foi para a praia. Ela é de todos os níveis. Ela iguala por cima, e não por baixo. Pelo ouro. É maravilhosos assistir essa unidade da consciência humana. É uma unidade, a consciência. Porque é a consciência que nos oprime. A partir do momento que você tem consciência, você não pode dizer que não sabe. Tá consciente?

.RONALD DUARTE.

.curadoria CESAR OTTICICA FILHO.

BOLETIM
.indica.
nº1. setembro de 2015



A versátil e potente obra de Ronald Duarte, que vai de desenhos construídos com fogo a metafóricos (ou nem tanto: os trabalhos do artista, mesmo os mais conceituais, carregam sempre uma forte carga de materialidade e organicidade) estouros de boiada pelas ruas desta e de outras cidades, se distingue no rico cenário da arte contemporânea brasileira pela precisa combustão entre poética e política. Herdeiro privilegiado de uma tradição de ações plásticas e performáticas que nascem na cultura ocidental nos anos 1960 (o artista foi assistente de Lygia Pape e trabalhou com Richard Serra, com cuja parceria foram criados os desenhos com *paintstick* da série Parafinos), e especialmente daquela que floresce no Rio de Janeiro a partir do Neoconcretismo, como ninguém Ronald soube incorporar ao rigor conceitual e densidade intelectual dessas produções um elemento lúdico e irônico, característicos da arte contemporânea produzida hoje, que relê as obras de arte das vanguardas do século XX como ruínas esparlamadas num mundo desconcertado e em guerra. Por isso, por mais divertidas, delicadas ou belas que as obras de Ronald Duarte sejam – e elas em fato o são – há sempre presente nelas um elemento de fugacidade, atrito e violência: são trabalhos feitos com maçarico, fogo colocado nos trilhos do bonde de Santa Tereza, simulacros de manifestações, tiroteio e choques. Nunca antes a turbulência que permeia nossas vidas e nossa cidade foi tão bela e leve. Marcada pela iminência da morte, o obra de Ronald é uma orgiática celebração do caos da vida – que o tornaria, sem dúvida, o artista preferido de Nietzsche, caso esse reencarnasse nos trópicos.

.RENATO REZENDE.

.indica. Rua Visconde de Pirajá, 82 subsolo loja 101 - Ipanema (Praça General Osório) - RJ

É COMO VOCÊ CONCILIA ESSA SUA VISÃO SOBRE A EDUCAÇÃO E O FATO DE SER PROFESSOR?

Eu sou um provocador, não sou um educador. Eu sempre digo para meus alunos: eu vou aprender o máximo que puder com vocês, espero que vocês tenham a mesma gana para aprender comigo. É um diálogo, e sempre um diálogo. Não existe um mestre que possui um conhecimento adquirido, e que vai transferir esse conhecimento. O conhecimento é de todos e está em todos os lugares. A expertise da vida é que constrói o conhecimento. É experimentando a vida que você chega a algumas conclusões, que podem ser questionadas. Esse questionamento que é provocador, que é maneiro.

É COMO FOI O TRABALHO DO PARAFINOS, QUE FOI REALIZADO COM O PAINTSTICK DO RICHARD SERRA?

O *paintstick* do Richard Serra tem me acompanhado nos últimos 15, 20 anos, desde que ele me apresentou quando eu trabalhei com ele numa exposição aqui no Rio. Eu até já fiz um trabalho nos rodapés da Gentil Carioca com o *paintstick* do Richard Serra. Os "Parafinos" são do começo dos anos 2000, e foram feitos no impulso do contato com o material que o Richard Serra utilizava, do material bruto, quase como uma pedra, que se torna um bastão a partir da fricção, do calor. É nesse trabalho, eu busquei, através desse contato, dessa coisa mais bruta que os bastões impunham, criar desenhos que são quase como filigranas. São pedacinhos da brutalidade. Pressão, pressão, pressão, pressão. Carga, carga, carga, carga. O trabalho do Serra é isso: peso, carga. Tem essa brutalidade. E eu quis fazer um trabalho com aquele bastão de uma maneira mais suave, mais delicada. Por isso cada quadro daqueles é um pedacinho de brutalidade. E por isso o nome, Parafinos. Todo mundo perguntava: "é parafina, é parafina?". E disso virou "Parafinos". Uma coisa bruta para sensíveis. Perceber a carga da matéria.

O QUE TEM A VER COM TODO O SEU TRABALHO, A SUA PESQUISA.

Sim. A minha dissertação de mestrado é "Mais que matéria": Questionando exatamente essa materialidade. Como o papel, o desenho de fogo, é exatamente questionando a matéria. É não estar aplicando matéria nenhuma, é retirar matéria. Com o fogo, que destrói a matéria rapidamente. Então tem esse limite. Meu trabalho, não apenas as ações, mas todos eles, trabalha esse limite entre o fogo e o desenho, a brutalidade e a leveza. Eu sou esse cara, assim mesmo, antagônico, contraditório, bruto e delicado.

